

Gestão da sala de aula na educação musical: um debate sobre seu papel na formação e na atuação docente

Phelipe Souza Henriques

Mestrado em educação musical pela UFRJ.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7292-5841>

E-mail: phelipehenriques@hotmail.com

João Miguel Bellard Freire

Professor Adjunto (Escola de Música/ UFRJ)

Doutor em Música (UNIRIO)

Coordenador da Linha de Pesquisa em Educação musical do PPGM, UFRJ

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9559-5243>

E-mail: jmbfreire@yahoo.com

Resumo

Este artigo discute a Gestão de Sala de Aula na Educação Musical, enfatizando diferentes visões sobre o tema e sua importância para a formação docente em Música. Decorrente de uma pesquisa de mestrado, no formato de um estudo de casos múltiplos, este trabalho traz sua parte bibliográfica e nossas conclusões a partir das realidades observadas. Apresentamos uma revisão bibliográfica, tanto no campo da Educação, quanto no da Educação Musical, em que o conceito de Gestão da Sala de Aula é apresentado e debatido. Tomando como base uma concepção de educação crítica, nossas conclusões reforçam a importância do debate sobre a Gestão da Sala de Aula na formação docente em Música, sua relação com o planejamento, sua ligação com a avaliação e com a reflexão do professor e seu papel em uma educação progressista buscando garantir as aprendizagens.

Palavras-chave: Educação Musical. Gestão da Sala de Aula. Educação Progressista. Aprendizagens.

Abstract

This article discusses classroom management techniques in Musical Education and emphasizes different perspectives on the subject and their importance in the education of future music teachers. It stems from multiple case studies for a Master's thesis and the conclusions reached based on the observed realities. Classroom management concepts are introduced and debated according to the literature reviewed in Education and Musical Education. Using a critical education framework as a basis, our conclusions reinforce the importance of discussing classroom management as part of the education of future music teachers, its relationship to planning, its connections with assessment, and the self-reflection of the teachers on their role in a progressive education that aims to ensure learning.

Keywords: Musical education. Classroom management. Progressive education. Learning.

Introdução

A atuação do professor requer uma vasta gama de conhecimentos e práticas, visando a um trabalho efetivo em sala de aula. Dentre esses conhecimentos, podemos destacar a metodologia de ensino, a filosofia de educação que a embasa e a avaliação.

A forma como alguns desses conhecimentos são trabalhados na formação do licenciando acabam ficando somente como uma série de conceitos isolados, já que eles são trabalhados em disciplinas genéricas e de maneira mais prescritiva e centrada no professor. Como consequência, o professor em formação e mesmo um docente em início de carreira não sabem como lidar com esses conhecimentos de forma a respaldar sua prática e poder orientar suas decisões e seu planejamento.

Um conceito que ainda é pouco explorado na literatura em Educação e, mais especificamente, em Educação Musical, é a Gestão da Sala de Aula. Entendemos que a incorporação desse conceito na formação e a busca por traduzi-lo em atitudes práticas pode contribuir para uma atuação mais confiante, estruturada e efetiva por parte do docente.

Isso não significa uma ideia de “receita de bolo” universal e uma ênfase tecnicista em procedimentos acríticos. Neste artigo, vamos apresentar concepções de Gestão que enfatizam dimensões e eixos do trabalho docente que merecem atenção, sem, contudo, apresentar uma forma única de entendimento e de aplicação, uma vez que defendemos uma postura reflexiva por parte do docente e entendemos Educação como uma ação transformadora, numa perspectiva progressista (LIBÂNEO, 2008).

Este artigo baseia-se em nossa pesquisa de mestrado, sobre o assunto, onde realizamos um estudo de casos múltiplos (HENRIQUES, 2019) avaliando a Gestão de Sala de Aula de três professores de música. É importante destacar que,

neste artigo, optamos por apresentar mais a base teórica que norteou a pesquisa e conclusões que podemos tirar a partir dela, sem nos debruçarmos no trabalho de campo que realizamos. Essa opção se deu pelo fato de esta temática ainda ser pouco explorada no campo da Educação Musical no Brasil. Esperamos, assim, contribuir para que esse debate possa ser ampliado e, com isso, contribuir para gerar novos conhecimentos e práticas no âmbito da Educação Musical.

Fundamentação Teórica

A GESTÃO DA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO

A proposta desta seção é mostrar os autores que atuam com a temática da Gestão da Sala de Aula, no campo da educação. Dessa forma, buscamos uma conceituação dessa temática para o presente artigo. Para Vasconcellos (2017), a Gestão da Sala de Aula surge por meio de uma busca de sistematização do trabalho do professor, o que resulta em uma compreensão das conseqüências ou dos encadeamentos das atividades do professor em sala de aula. Em decorrência desse processo, surge uma definição que o autor chamou de dimensão básica, dividindo-a em relacionamento interpessoal, organização da coletividade da sala de aula e trabalho com o conhecimento.

A Educação Escolar, segundo Vasconcellos (2017), “é um processo coletivo, sistemático e intencional de interação com a realidade, através do relacionamento humano baseado no trabalho com o conhecimento e na organização da coletividade, cuja finalidade é colaborar na formação do educando na sua totalidade.” (VASCONCELLOS, 2017, p. 21) Para o autor, isso possibilita a emancipação humana por meio de uma mediação dos saberes.

Stedile (2009) afirma que o espaço da sala de aula é um meio pelo qual o docente lida com os acontecimentos e com as histórias de vida dos alunos.

Desse modo, a Gestão da Sala de Aula, segundo a autora, precisa da atuação do professor, do modo como a interação é realizada mediando as situações. Essa atuação engloba, ainda, a forma como o docente emprega seus conhecimentos, organiza o espaço de convivência, planeja a aula, medeia os conflitos e estabelece a confiança dos alunos. Assim, o docente possui a oportunidade de desenvolver situações propícias para que o conhecimento seja internalizado por parte dos educandos e, simultaneamente, proporcionar condições para potencializar cidadãos democráticos (STEDILE, 2009).

Relacionamento Interpessoal

Para Vasconcellos (2017), a educação escolar presume o encontro pessoal. Logo, o relacionamento interpessoal, segundo o autor, diz respeito à habilidade do docente de aproximar-se, com mais cuidado e profundidade, dos educandos, tornando a relação mais próxima e mais significativa no contato humano. “É uma dimensão que vai além da coletiva: o professor trabalha com todos, mas conhece cada um de seus alunos, e dessa forma pode melhor ajudá-los na aprendizagem e no desenvolvimento humano.” (VASCONCELLOS, 2017, p. 21)

De acordo com Vasconcellos (2017), a construção do vínculo entre professor e aluno é decisiva para a produção do conhecimento e fundamental para os momentos de enfrentamento de conflitos em sala. Quando essa relação é marcada pelo respeito e atenção, acrescenta o autor, o docente ganha autenticidade para pôr em ação sua autoridade, “de tal forma que, quando eventualmente necessário, o professor é mais firme com um ou outro aluno, tem o respaldo da classe, que reconhece que está fazendo isso porque quer o bem de todos, e não por preconceito, narcisismo ferido ou insegurança didática.” (VASCONCELLOS, 2017, p. 22)

Vasconcellos (2017) destaca ainda que sem essa construção do relacionamento não há educação, havendo apenas uma instrução ou informação.

A Organização da Coletividade de Sala de Aula

Conforme Vasconcellos (2017), a organização da coletividade é a segunda grande dimensão da Gestão da Sala de Aula que, em alguns casos, é denominada de clima de trabalho ou disciplina. O autor complementa dizendo que a situação pedagógica é marcada por meio da dinâmica do coletivo e não deve dispensar o momento de produção individual. Essa produção, de acordo com o autor, é uma condição para a construção do conhecimento do sujeito, porque não é apenas um aluno que o realiza, mas toda a turma.

Segundo Vasconcellos (2017), essa dimensão é decisiva, pois dá validação ao trabalho do docente para que institua, em sala de aula, um clima de participação, interação, respeito e comunicação. Sem isso, segundo o autor, não há como proporcionar a apropriação do conhecimento, “o enriquecimento da experiência pedagógica, a partir daquilo que a escola está oferecendo.” (VASCONCELLOS, 2017, p. 23)

Do ponto de vista de Vasconcellos, há uma grande reclamação por parte dos professores em relação às questões disciplinares em sala de aula, supondo que não seja sua tarefa lidar com essas demandas. Desse modo, compreendem que a família é quem deva dar o limite e a motivação para a aprendizagem. Logo, o autor afirma que alguns docentes limitam sua função a apenas transmitir informações e essa expectativa dificilmente se realiza na prática da sala de aula.

A ideia defendida pelo referido autor é de fato rotineira, possivelmente por falta de experiência, de reflexão ou mesmo por alguma falha na formação acadêmica dos educadores musicais ou dos educadores de um modo geral. Entendemos que o limite deva ser dado pelo docente e pelos

familiares e, na ausência do limite dado pelos familiares, o trabalho do educador torna-se mais difícil, mas não impossível.

Ressaltamos uma definição de Vasconcellos (2017) que consideramos importante: a da autoridade como uma capacidade de “fazer-se autorizado pelo outro, para, com ele, poder interagir. Autoridade vem do latim *auctoritas*, que tem sua raiz em *augere*, fazer crescer.” (VASCONCELLOS, 2017, p. 23). De acordo com o autor, a autoridade é necessária para o desenvolvimento da autonomia dos educandos, fazendo-os coautores do processo educacional.

Outro fator que pode auxiliar o desenvolvimento da autonomia e do crescimento do educando é o que Stedile (2009) denomina prática social democrática. Para a autora, a transformação das práticas escolares deve ser realizada por meio de uma gestão participativa, “na qual o aluno é sujeito das decisões e das ações que se realizarão pautadas em tais decisões”, proporcionando “maiores possibilidades para o desenvolvimento de uma vivência coletiva e de uma prática social democrática.” (STEDILE, 2009, p. 4)

Trabalho com o Conhecimento

Segundo Vasconcellos (2017), o trabalho com o conhecimento é a terceira dimensão da Gestão da Sala de Aula, considerada clássica pelo autor e socialmente esperada na escola. “Trata-se do processo de apropriação da herança cultural e construção crítica, criativa, significativa e duradoura do conhecimento.” (VASCONCELLOS, 2017, p. 28). O conhecimento é considerado um dos aspectos centrais e de maior visibilidade da educação, uma vez que a escola é uma instituição que concede, dentre outras situações, o contato dos educandos “com o conhecimento acumulado da humanidade, de forma organizada, sistematizada.” (VASCONCELLOS, 2017, p. 28)

Além da apropriação dos processos culturais e do aspecto central, Stedile (2009) traz a questão do diálogo como uma ferramenta relevante para que

o educando possa se comprometer com a apropriação dos conhecimentos a fim de “despertar nele a consciência de que aprender é uma ação que não se torna possível apenas pela ação do professor, mas também por sua vontade.” (STEDILE, 2009, p. 4)

A autora completa afirmando que o docente, sabedor de suas responsabilidades como educador, tem como objetivo fazer florescer nos educandos o seu crescimento intelectual e moral. Isso significa um ensino-aprendizagem que, além de se preocupar com o domínio cognitivo, compreende o exercício para a criticidade do cidadão, colaborando com o aprendizado de valores para o convívio social.

Na concepção de Vasconcellos (2017), o docente deve levar em conta as três dimensões – o relacionamento interpessoal, a organização da coletividade em sala de aula e o trabalho com o conhecimento – da Gestão da Sala de Aula. Desse modo, as aulas podem desenvolver-se de uma forma mais produtiva. O autor acrescenta ainda que, se o docente se descuidar, por exemplo, do trabalho com o conhecimento, corre o risco de trazer conteúdos com pouco significado para os educandos. Essa atitude pode ocasionar problemas de motivação dos educandos, limitando sua participação nas aulas e gerando “um clima potencial, digamos assim, de indisciplina, de indisposição em relação ao trabalho pedagógico.” (VASCONCELLOS, 2017, p. 29)

Vasconcellos (2017) lembra que a Gestão da Sala de Aula envolve instrumentos de relevância metodológicos básicos, como, por exemplo, o planejamento, o registro e avaliação. “A atividade didática exige um trabalho antes e outro depois, além de todo trabalho durante a aula.” (VASCONCELLOS, 2017, p. 29) Outros aspectos devem ser considerados, tais como o currículo, a formação continuada e o projeto político-pedagógico da escola.

Entendemos que a concepção acerca dessas três dimensões – a relação interpessoal, a organização da coletividade em sala de aula e o trabalho

com o conhecimento – é de grande importância, seja para o educador de um modo geral, seja para os educadores musicais. As propostas apontadas estruturam um pensamento que consideramos consistente sobre a temática da Gestão da Sala de Aula.

Dessa forma, o grande desafio dos educadores musicais, caso queiram, é refletir e adequar essas propostas à sua realidade. Para isso, entendemos que a formação continuada do docente seja fundamental para a construção de relações humanizadas, a organização da coletividade e um conhecimento voltado para o aprendizado significativo.

A GESTÃO DA SALA DE AULA NA EDUCAÇÃO MUSICAL

Esta seção possui o intuito de apresentar uma breve discussão, com concepções de Gestão da Sala de Aula na educação musical. De forma geral, os autores não apresentam um pensamento único sobre o tema Gestão da Sala de Aula. Em virtude disso, buscamos aqui um pouco das propostas dos autores para a ampliação do debate na área da música, bem como apresentar pontos em comum entre elas.

Como educadores musicais, dispomos de algumas estratégias aprendidas ao longo da nossa formação musical e que buscamos pôr em prática ao atuarmos nas salas de aula. Silva (2013) faz alusão a algumas dessas estratégias nas quais nos baseamos muitas vezes. Como exemplo, podemos citar as seguintes: aprendizagem ativa e dialógica; vínculo dos conhecimentos e interesses dos educandos com a prática musical, levando em consideração seu estágio de desenvolvimento e contexto social; valorização da cultura e repertório do educando; avaliação que inclua o processo de aprendizagem e não somente resultados quantitativos; desenvolvimento da autonomia e vontade de aprender dos educandos.

Na perspectiva dos exemplos citados por Silva, essa parecia ser uma receita infalível “para romper com a educação tradicional e sua sede insaciável por reproduzir e controlar pensamentos, opiniões e atitudes.” (2013, p. 64-65). Para refletir sobre essa discussão, o autor traz a ideia de construção das estratégias citadas no parágrafo anterior, entendendo que alguns planos de aula dos educadores musicais pecam por achar que essa construção está pronta sem antes se antecipar aos possíveis problemas que poderão ser encontrados¹. Essa antecipação é vista por Merrion (1991) como uma forma de prevenção do que pode ocorrer em sala de aula.

Do ponto de vista de Silva (2013), o planejamento pode não se desenvolver de acordo com o esperado, logo, algumas situações que ocorrem em sala de aula podem influenciar o decorrer de uma atividade. Por exemplo, quando um docente planeja sua aula com brincadeiras de roda, mesmo que seja uma atividade interessante, ele pode passar muitas aulas sem atingir os objetivos propostos, “simplesmente porque as crianças não conseguem formar (e/ou manter) uma roda, porque brigam entre si ou porque alguns alunos não se sentem confortáveis pegando na mão dos colegas, entre outros muitos possíveis problemas.” (SILVA, 2013, p. 65). Ainda de acordo com o autor, organizar uma roda com os educandos ou respeitar o amigo que te provocou não são habilidades que nascem prontas, elas são aprendidas, na maioria das vezes, na escola.

Russel (2005) define como gestão da aula de música a relação entre o resultado da estrutura da aula, o conteúdo e o andamento. A estrutura da aula é definida pela autora como um esquema de distribuição de conceitos que são

¹ É importante destacar que esse trecho visa valorizar a construção das relações realizadas em sala de aula, levando-se em conta a solução dos problemas à medida que vão aparecendo. A “receita infalível” acreditamos ser uma mera alusão do autor aos educadores iniciantes que pecam ao elaborarem seu planejamento, esquecendo que essa construção é fundamental, porém, não é fácil de realizá-la na prática, e isso demanda esforço e muitas vezes criatividade por parte do docente.

divididos em um determinado espaço de tempo (incluindo aqui a vivência das atividades). “O conteúdo inclui materiais musicais como canções e danças, os contextos espacial e social através dos quais as crianças vivenciam esses materiais musicais, o foco central da atividade e as habilidades necessárias aos alunos.” (RUSSEL, 2005, p. 75). Já o andamento trata-se da intensidade com a qual o professor conduz a aula. São incluídos nesse ponto a velocidade com que as atividades são introduzidas e “atributos pessoais do professor, tais como afeto, entusiasmo, contato visual e outros elementos da linguagem corporal.” (RUSSEL, 2005, p. 75)

O engajamento dos educandos é descrito por Russel (2005) como o resultado da energia e o entusiasmo apropriados do docente, além do uso de materiais desafiadores e satisfatórios, conduzindo os educandos a um nível de concentração maior. Isso, segundo a autora, faz com que não haja “águas paradas,” mantendo os educandos engajados “na tentativa de tornar concretas as ideias musicais através de suas ações.” (RUSSEL, 2005, p. 76)

Os autores Merrion (1991) e Buck (1992) apontam, em suas pesquisas, um assunto em comum: a ação preventiva. Merrion (1991) estrutura seu pensamento em cinco aspectos que incluem a equidade e consistência por meio da construção da confiança; um docente sensível com firmeza e afetividade; a presença do professor e o compartilhamento de agendas com os educandos, dizendo o que será feito ao longo da aula.

Para Merrion (1991), a percepção da criança sobre a autoridade de um professor baseia-se na equidade e consistência com que o docente administra sua aula. “As crianças então têm uma melhor compreensão de quais comportamentos são apropriados e quais medidas serão tomadas se os comportamentos se desviarem ².” (MERRION, 1991, p. 54)

² *Children then have a better understanding of what behaviors are appropriate and what measures will be taken should behaviors deviate.*

Para a autora, os educadores musicais devem estar comprometidos com a prioridade do objetivo afetivo e nunca devem mudar esse objetivo, o que reforça um envolvimento próximo com os educandos e uma distância de um pensamento controlador, indicando que a construção de relações mais próximas fazem a diferença no cotidiano da sala de aula³.

Na parte em que discute uma nova visão sobre a disciplina, Buck⁴ (1992) traz uma contribuição para desmistificar o pensamento da Gestão da Sala de Aula como uma ação controladora por meio de punições. Para o autor, a punição é apenas um componente de uma construção maior daquilo que é chamado de disciplina. Desse modo, Buck (1992) diz que pode ser bastante ingênuo assumir que somente as estratégias de gerenciamento de comportamento que incorporam punição serão capazes de administrar o comportamento dos alunos.

Em uma definição sobre ação preventiva, o autor acima citado considera que a disciplina, em seu sentido mais verdadeiro, descreve um sistema constituído por estratégias preventivas e de intervenção que são projetadas para gerenciar, em vez de controlar, o comportamento dos alunos. O autor acrescenta ainda que, em um contexto preventivo, o educador musical é responsável por prevenir comportamentos inapropriados.

Snyder (1998) define a Gestão da Sala de Aula como um processo interativo complexo altamente relacionado ao contexto da sala de aula. Para o autor, esse gerenciamento não é um processo desligado das atividades diárias de aprendizado, envolvendo um monitoramento cuidadoso do ambiente total e

³ O autor não menciona em qual local da escola se encontra o aumento da violência, vandalismo, abuso de drogas e o desrespeito às autoridades, mas pode-se deduzir que seja dentro da escola.

⁴ É importante mencionar que, mesmo sendo um artigo antigo, ele traz questões atuais quando o autor diz que o comportamento dos educandos, de uma forma geral, parecia piorar com o aumento da violência, vandalismo, abuso de drogas e o desrespeito às autoridades.

incluindo a instrução e o aprendizado dos educandos, de forma a incentivar uma atmosfera em que a aprendizagem possa ocorrer. Defende ainda que esse contexto também engloba o envolvimento dos educandos nas atividades da sala de aula, as respostas que os educandos dão aos docentes, a conscientização do docente sobre os fatores que competem pela atenção do educando e a estrutura física da sala.

Para Snyder (1998), a história pessoal dos docentes iniciantes na educação musical é um fator de grande influência em sua elaboração de um modelo de Gestão da Sala de Aula. Considera o autor que essa história pessoal compreende muitos fatores que incluem o trabalho de curso realizado na faculdade, modelos fornecidos por docentes influentes, as influências dos pais e do período de vivência escolar: “No momento em que os estudantes de música começam a ensinar seus alunos, eles já tiveram uma vida de observação de outros professores coordenando ensaios e estruturando aulas [...] Os professores iniciantes tendem a aceitar ou rejeitar técnicas que irão ou não funcionar para eles, de acordo com suas personalidades⁵.” (SNYDER, 1998, p. 38)

Para LaCombe (2003), a gestão do tempo é importante para transmitir profissionalismo e objetividade nos objetivos a serem alcançadas pelos educandos, pois, desse modo, os educandos não terão tempo para se comportar de forma inadequada e permanecerão engajados nas atividades. O autor sugere ainda para “seguir em frente depois de começar a aula na hora, dizendo aos alunos o que aconteceu na aula anterior, o que acontecerá na aula atual, como

⁵ *By the time music students begin their student teaching, they already have had a lifetime of observing other teachers run rehearsals and structure classes [...] Student teachers tend to accept or reject techniques that will or will not work for them, according to their personalities.*

você abordará cada ideia e por que você está apresentando certos conceitos .⁶” (LACOMBE, 2003, p. 23-24).

Nesse contexto, é importante a sugestão de que o docente seja sensível às necessidades de seus educandos, embora eles possam não saber expressá-las de forma clara, bem como tenha em mente que eles “podem não lhe falar sobre aspectos de sua vida em casa ou de outras partes da vida escolar.

Para concluir este breve debate, Reese (2007) descreve uma Gestão da Sala de Aula baseada em quatro “Cs”: o elogio (comendation), a comunicação, a consistência e o conteúdo. Para a autora, esses conceitos representam uma forma de estabelecer um ambiente seguro, saudável e divertido em qualquer nível, especialmente nas escolas primárias⁷.

Para Reese (2007), com base nesse pensamento filosófico, os educandos aprendem a avaliar ideias musicais, a pensar de forma criativa e a resolver problemas. O artigo da autora trata de concepções em comum com autores como Merrion (1991) e Snyder (1998), ao se referir à ação preventiva e técnicas da Gestão da Sala de Aula.

Além disso, Reese (2007) não se refere a uma forma de aplicação do conteúdo musical, mas sim a uma sugestão para que o conteúdo musical possa ser utilizado em transições de uma atividade para outra com a finalidade de reduzir interrupções. Como exemplo, a autora sugere cantar uma música enquanto está passando lenços para uma atividade de movimento, realizar um canto com percussão corporal ao entrar na sala de aula com os alunos ou permitir

⁶ *Follow through after starting on time by telling the students what happened in the prior class, what will happen in the present class, how you will approach each idea, and why you are presenting certain concepts*

⁷ A utilização do termo escola primária se deve ao fato da autora usá-lo. Nos Estados Unidos esse segmento engloba as crianças de cinco a doze anos de idade. Então, considerando o sistema brasileiro, pode-se considerar que abrangeria o primeiro segmento do Ensino Fundamental.

que os indivíduos improvise novos padrões de ritmo entre as transições das atividades.

O debate sobre a Gestão da Sala de Aula na educação musical propicia um conjunto de estratégias e ferramentas para que o educador musical possa promover os objetivos musicais em seu dia a dia em sala de aula. Entendemos que o conteúdo aqui desenvolvido são sugestões elaboradas pelos autores pesquisados e soluções para situações vividas por eles, não uma receita que deve ser seguida passo a passo. Cada educador musical pode aplicar as ideias apontadas aqui da forma como preferir e refletir se serão úteis ou não em seu trabalho. Alguns dos autores pesquisados não relatam exatamente uma relação do ensino-aprendizagem com a questão disciplinar ou comportamental em sala de aula. Nesse contexto, entendemos que a principal função das ideias aqui discutidas é auxiliar o educador musical em sua finalidade principal, a da práxis musical.

A CONCEPÇÃO DE UMA GESTÃO EFETIVA EM SALA DE AULA

Gordon (2001) propõe quatro pontos para caracterizar uma Gestão efetiva. A primeira proposta do autor é a de que, para se criar um ambiente de aprendizagem eficaz, o educador musical deva possuir um alto grau de habilidade musical. Ser um bom músico é uma premissa essencial, pois, desse modo, ele transmite confiança em suas habilidades musicais quando gerencia e interage na aula com seus estudantes. “Aqueles professores habilidosos em música e gerenciamento geralmente demonstram conhecimento do que ensinar, bem como a forma de ensinar. O seu sentido de direção é forte, tanto para si como para seus programas⁸.” (GORDON, 2001, p. 21)

⁸ *Those teachers skilled in music and management usually demonstrate knowledge of what to teach, as well as how to teach. Their sense of direction is strong, both for themselves and their programs.*

A segunda proposta envolve a organização e o planejamento do currículo de música, para que as atividades contribuam para uma aprendizagem efetiva. Desse modo, o educador musical procura uma melhor transição e fluxo da atividade A para a B no cotidiano da sala de aula, além de um planejamento anual elaborado com objetivos e metas definidos do início até o fim do ano letivo.

Em sua terceira proposta, Gordon (2001) diz ainda que o ritmo rápido ⁹afeta profundamente o gerenciamento da sala de aula, porque quando os alunos estão centrados e continuam atentos à atividade eles são muito menos dispostos a se envolverem em atividades paralelas. Ao estarem centrados, os estudantes que estão participando são mais propensos a aprender ativamente em vez de passivamente. Para finalizar esses pontos propostos, Gordon (2001) afirma que

em quarto lugar, a adequação e variedade de atividades musicais oferecidas podem afetar significativamente o comportamento em sala de aula. Isso exige que o professor reconheça e implemente lições que sejam apropriadas à idade, motivadoras e valiosas em termos de ensino e aprendizagem. Finalmente, o professor deve avaliar os alunos com frequência, conhecê-los e melhorar continuamente as experiências de aprendizagem ao permanecer constantemente um aprendiz.¹⁰ (GORDON, 2001, p. 21)

Dessa forma, os quatro pontos demonstrados, a habilidade do educador musical como artista, o planejamento curricular de música junto com a fluidez das atividades, o ritmo da aula e a frequente avaliação e reflexão do

⁹ No artigo, Gordon (2001) não especifica de forma clara o que seria esse ritmo rápido. Entendemos que seja o ritmo ou talvez a fluência das atividades, não dando tempo do aluno se desconcentrar, focar em outros assuntos isso evitaria uma pausa causada por algum tipo de insegurança docente.

¹⁰ *Fourth, the appropriateness and variety of musical activities provided can significantly affect classroom demeanor. This requires that the teacher recognize and implement lessons that are age appropriate, motivating, and worthwhile in terms of teaching and learning. Finally, the teacher must assess the students frequently, know the students, and continually improve the learning experiences by remaining a constant learner.*

educador musical, são suportes significativos para formar o conceito de uma Gestão efetiva.

Nesse debate realizado por Gordon (2001), surgem pontos que consideramos secundários, mas que, ao serem inseridos em um contexto geral, também possuem importância. Como exemplo, o autor cita a capacidade do educador musical de motivar seus estudantes, a linguagem verbal e corporal e o exemplo que dá em sala de aula, tornando-se uma boa referência para seus estudantes, porque, segundo Gordon (2001), os estudantes aprendem a agir como o docente ao passar tempo sob sua tutela. Logo, “o professor deve ser um bom modelo, ampliando ainda mais a atmosfera positiva. As ações do professor são visíveis para o aluno, exigindo assim que o professor pratique o que ele ou ela prega para efetivamente reforçar os alunos¹¹.” (GORDON, 2001, p. 21) Inclui-se ainda nessa questão a forma de dar elogios. Para Gordon (2001), eles devem ser usados de forma criteriosa, para cumprimentar os alunos que atingem as expectativas e incentivar os alunos a alcançar níveis máximos.

Gordon (2001) também ressalta que os educadores musicais que possuem pleno conhecimento do conteúdo de suas atividades são gerentes eficazes e, dessa maneira, seu foco de concentração pode ser direcionado para diferentes estratégias, como, por exemplo, lidar com a motivação e avaliação dos estudantes além da reflexão sobre ensino-aprendizagem. Essa atitude é importante porque o educador musical deve passar segurança em sua condução, já que, quando isso não ocorre, as crianças podem reconhecer facilmente que há uma hesitação, o que representa uma brecha para os estudantes agirem na insegurança do docente.

¹¹ *The teacher must be a good role model, further extending the positive atmosphere. The teacher's actions are visible to the student, thereby requiring the teacher to practice what he or she preaches in order to effectively reinforce students.*

Em suas conclusões, Gordon (2001) diz que a questão da Gestão da Sala de Aula é importante para todos os docentes. Para o autor, formar futuros educadores para os rigores e demandas da sala de aula parece ser a maneira mais eficaz e rápida de contribuir para o seu sucesso. A citação abaixo indica como a prática musical aliada à gestão pode contribuir para o aprimoramento do educador musical.

O docente que é instruído apenas por meio da música pode falhar rapidamente na sala de aula; no entanto, aquele que tem um conhecimento prático da música e da gestão da sala de aula está muito melhor equipado. As instruções de preservação e a aplicação prática de estratégias e técnicas de gestão devem ser requisitos para programas de preparação de docentes. Dada a previsão de escassez de docentes, essas habilidades e ferramentas parecem ser particularmente necessárias para ampliar a longevidade profissional do docente¹². (GORDON, 2001, p. 22)

Refletindo sobre um dos entendimentos sobre Gestão efetiva, pode-se afirmar que um alto grau de habilidade musical por parte do docente é de fundamental importância, não só para uma boa performance, mas também para passar confiança aos educandos. Em seguida, um planejamento organizado e consistente funciona como um guia e auxilia a reconhecer o momento em que é possível improvisar e sair do plano inicial. Dessa forma, acredita-se que esses pontos mencionados levam à melhora da concentração e ritmo na aula.

¹² *The teacher who is knowledgeable only about music may quickly fail in the classroom; however, the one who has a working knowledge of music and classroom management is far better equipped. Both preservice instruction and practical application of management strategies and techniques should be requisites for teacher preparation programs. Given the predicted shortages of teachers, these skills and tools seem to be particularly necessary in order to extend the teacher's professional longevity.*

Considerações Finais

Neste artigo, apresentamos diversas visões com relação à Gestão da Sala de Aula. Essa revisão foi fruto de nossa pesquisa de mestrado e contou com referências tanto da Educação quanto da Educação Musical. Embasados nessa revisão e na pesquisa de campo empreendida, também no Mestrado, passaremos, agora, às nossas conclusões.

Pudemos constatar a importância da Gestão da Sala de Aula na atuação docente. A partir dos estudos de caso realizados e, em nossa própria experiência, conseguimos perceber que uma boa capacidade de gerir as pessoas, os conteúdos e atividades, bem como as aprendizagens, é uma necessidade para que o trabalho pedagógico ocorra de forma eficiente. Especialmente nos casos de docentes com menos experiência de sala de aula, poder contar com eixos que norteiam o planejamento em termos dessa gestão é de extrema importância. Estar atento a diferentes aspectos do trabalho em sala de aula oferece mais consistência às decisões do docente, já que suas atividades, assim como o ritmo em que elas se desenvolvem, estarão fundamentadas em pressupostos teóricos relacionados com a dinâmica prática deste trabalho.

Dessa forma, consideramos que a reflexão do docente acerca de sua própria prática é condição necessária para seu aperfeiçoamento como docente. Considerar a Gestão da Sala de Aula nesse processo de autoavaliação pode auxiliá-lo, já que podemos pensar nos diferentes aspectos do trabalho em sala de aula debatidos por Vasconcellos (2017) – a gestão das aprendizagens, das relações interpessoais e da organização da coletividade – como pontos de partida para a reflexão sobre a própria atuação em sala.

O docente pode, por exemplo, identificar uma exploração deficiente do desenvolvimento de relações interpessoais respeitadas e colaborativas em sala, podendo reorientar seu planejamento.

Conforme preconiza Gordon (2001), a busca pela fluidez das atividades, a segurança na comunicação de como se darão os momentos específicos de cada aula, bem como um conhecimento sólido em música, também são pontos chave para a Gestão da Sala de Aula que podem nortear o planejamento das aulas e do curso do docente.

Isso não quer dizer que defendemos aqui um planejamento engessado, rígido. A partir de uma visão crítica de educação, nos posicionamos a favor de uma relação dialética e democrática em sala de aula, entendendo o docente como um facilitador do processo, sem que este abra mão de seu papel de autoridade.

Ao mesmo tempo, o Educador Musical deve ser sensível à resposta que seu grupo dá às atividades desenvolvidas, de modo a adaptá-las, se necessário. Além de sua possibilidade de adaptação ao que ocorre na realização de atividades por ele propostas, o docente pode e deve abrir espaço para a criação em sala de aula, assim como reconhecer os saberes trazidos pelos estudantes, usando seu conhecimento para integrá-los ao processo de ensino-aprendizagem desenvolvido.

O planejamento permite que o docente possa ter mais clareza de quais objetivos está traçando para suas turmas e a busca por uma gestão que dê conta das relações interpessoais, da organização da coletividade e do conhecimento, como defendido por Vasconcellos (2017), auxilia na operacionalização desse planejamento.

Partindo dessa premissa, defendemos que o debate sobre a Gestão da Sala de Aula faça parte da formação docente em Música. Entendemos que, como dito

acima, o planejamento pode se beneficiar de um pensamento que estruture as aulas visando a um trabalho mais efetivo em sala de aula.

A partir de nossas observações e experiências, ficou claro que, quanto mais consciente o docente é de suas atribuições e sobre como ele conduz o trabalho em sala, mais ele consegue resultados positivos em termos de aprendizagem e de disciplina em sala. Além da disciplina, as relações interpessoais, quando bem cuidadas e desenvolvidas, são elemento importante para o processo, que passa a ser mais bem desenvolvido e com maior engajamento de todos os envolvidos, quando há respeito mútuo.

É importante ressaltar que o debate sobre como ser um docente eficiente, que tenha uma gestão efetiva da sala de aula não tem, aqui, uma ênfase tecnicista. Como dissemos, não estamos apresentando regras a serem seguidas por um docente para conseguir seu intento de dar uma boa aula. No entanto, em certos casos, a defesa de uma filosofia crítica de educação acaba se afastando da prática da sala de aula e de questões como a indisciplina, por exemplo, como se isso não devesse fazer parte do trabalho do educador.

Outra visão equivocada, em nosso entendimento, é uma que considera a boa gestão da disciplina algo inato, como se fosse algo que o docente traz consigo, não uma construção. Ao elencar práticas, conceitos e temas da gestão a serem considerados no trabalho pedagógico, um docente pode desenvolver sua capacidade de gerir sua aula, não só em termos de conteúdo, mas de relações entre as pessoas e na forma como a aula acontece. Isso favorece a que o docente possa estimular o trabalho em grupo na aula, a participação democrática dos estudantes e enfatizar um ponto que também consideramos fundamental – as aprendizagens.

A educação visa a resultados, seja preparar os indivíduos para a vida em sociedade, seja para aprender a criticar e a transformar a realidade social. De uma forma ou de outra, espera-se que novos conceitos e práticas possam ser

introduzidos pelo docente e pela escola, de forma a atingir seus objetivos. Tratar de como o processo se dá, ampliando a abrangência do planejamento (como estamos defendendo aqui) para aspectos não somente técnicos e específicos da educação, a partir das reflexões sobre a gestão, pode contribuir para que o docente consiga atuar de forma a desenvolver processos mais abrangentes nas aulas. Isso favorece a uma avaliação dos resultados de seu trabalho, o que possibilita uma reorientação do que está sendo construído, caso seja necessário.

Enfatizar as aprendizagens nesse processo é algo de extrema importância e torna a educação mais voltada para o estudante, buscando interagir com suas necessidades, interesses e com seu desenvolvimento ao longo do processo.

A Gestão da Sala de Aula deve auxiliar o docente a estar atento ao que o educando está aprendendo e como criar um ambiente que favoreça a aprendizagem. Se o trabalho em sala de aula ganha dinamismo, fluência, organização e engajamento dos envolvidos, mais tempo pode ser empregado nas atividades, possibilitando mais experiências musicais, o que favorece as aprendizagens.

Entendemos que a ênfase da gestão deve ser em favorecer as aprendizagens, não somente em que a aula possa fluir sem grandes transtornos ou ser adequada ao público a que se destina. Nesse ponto, a gestão que defendemos aqui ganha um cunho mais progressista.

Para atingir o objetivo de enfatizar as aprendizagens na Educação Musical, consideramos importante que o trabalho em sala de aula esteja voltado para a prática musical.

Defendemos uma prática relevante socialmente, negociada entre docente e estudantes, de forma a ressignificar os saberes que estes trazem para a aula, bem como para ampliar seus horizontes musicais com novas vivências que o docente traz, entrelaçando prática e teoria. Como exemplo disso, podemos destacar o interesse que desperta nos estudantes começar a tocar um instrumento

musical em aula ou a possibilidade de escolher o repertório a ser tocado pelo grupo. O espaço para a criação musical também pode ser um elemento importante nesse processo.

Portanto, se o docente estimular esse processo ativo, pode haver maior engajamento de todos e uma aprendizagem que decorre de uma vivência. Com isso, o estudante assume um papel mais ativo em sua aprendizagem e pode ganhar em autonomia.

A busca pelo entrelaçamento da gestão, com uma Educação Musical centrada na prática, pode auxiliar no desenvolvimento das aprendizagens. Esperamos que este debate possa estimular no desenvolvimento de uma Educação Musical cada vez mais relevante para os estudantes e para a sociedade.

Referências

BUCK, Glenn H. Classroom Management and the Disruptive Child. **Music Educators Journal**, Vol. 79, No. 3, p.36-42. 1992.

GORDON, D. G. Classroom management problems and solutions. **Music Educators Journal**, Volume 88, Issue 2, p.17-23. 2001.

HENRIQUES, Phelipe Souza. **Concepções de Gestão da Sala de Aula na Educação Musical: um olhar a partir da *práxis***. Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Música) – Escola de Música, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

LACOMBE, Joseph S. Managing the Music Classroom: You Can! **Music Educators Journal**, Vol. 89, No. 4, p.21-24, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. Edições Loyola. 22ª edição: abril de 2008.

MERRION, M. Classroom management for beginning music educators. **Music Educators Journal**, n. 78, p.53-56, 1991.

REESE, J. The four Cs of successful classroom management. **Music Educators Journal**, n. 94, p.24-29, 2007.

RUSSELL, J. Estrutura, conteúdo e andamento em uma aula de música na 1ª série do ensino fundamental: um estudo de caso sobre gestão de sala de aula. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, n. 12, p.73-88, 2005.

SILVA, R. R. Gestão de Sala de Aula na Educação Escolar. **Revista da ABEM**. Londrina, v.21, n.31, 63-76, jul.dez 2013.

SNYDER, D. W. Classroom management for student teachers. **Music Educators Journal**, v. 84, n. 4, p.37-40, Jan. 1998.

STEDILE, Maria Inez. O professor como gestor da sala de aula. Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Universidade Estadual de Maringá, **Programa de Desenvolvimento Educacional** – PDE. Umuarama, Paraná. 2009.

VASCONCELLOS, Celso dos S. Desafio da Qualidade da Educação: Gestão da Sala de Aula. In: **Gestão da Sala de Aula**. São Paulo: Libertad, 2017 (no prelo).